

The Greening of America

♦ CHARLES REICH propõe a ultrapassagem do modelo norte-americano dos grandes *trusts*, da hipertecnologia e do empenho na guerra do Vietname, pelo que chama *consciência II* que substituiria a primitiva consciência americana, individualista e provinciana. O autor assume-se contra o "Estado-Empresa" e advoga a "revolução pela consciência", que "partirá do indivíduo e da cultura, e não transformará as estruturas políticas senão em último recurso. Não terá necessidade de recorrer à violência para se impôr e a violência não a poderá deter". Para este professor de direito em Yale, "a revolução deve ser cultural. A Cultura é que controla a mecânica económica e política e não o inverso". Analisando o *american way of life*, considera que este vive marcado por três consciências : a individualista e provinciana, que ainda persiste na América dos pioneiros; a hiperorganizada da América dos *trusts* e da tecnologia; a da contracultura. Porque a consciência dos organizadores e da era tecnológica gerou um homem novo, "o homem capaz de manobrar máquinas e de trabalhar em organizações; o homem que se deixa dominar pela técnica, pela propaganda, pela educação, pela publicidade e pelo Estado", por um estado-empresa que transforma o homem numa peça de máquina que apenas tem que desempenhar o seu papel, a sua função. É "o Estado como uma grande sociedade anónima", o Estado que "domina, explora e, finalmente, destrói, primeiro, a natureza e, depois, o homem (Nova York, Random House, 1970) (cfr. trad. fr. *Le Regain Americain. Une Révolution pour le Bonheur*, Paris, Éditions Robert Laffont, 1972).